

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i33.19800>

ARMADOS PARA A BRINCADEIRA: BACAMARTEIROS DE INHAPI, ALAGOAS, NORDESTE DO BRASIL

Sheyla Farias SilvaUniversidade Federal de Alagoas
E-mail: sheylafarias@yahoo.com.br**Vanessa Biserra Pereira**Universidade Federal de Alagoas
E-mail: vanessabiserra@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre a tradição do Bacamartismo no município de Inhapi, sertão alagoano, Nordeste do Brasil. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo conhecer a origem da tradição no país, compreender de que maneira esse folguedo foi introduzido no município, bem como registrar as lembranças e vivências ainda presentes na memória dos brincantes. Para isso, utilizou-se um levantamento bibliográfico do que foi produzido sobre a temática e de forma metodológica adotou-se a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa por meio da História Oral. Dessa forma, obtivemos êxito na concretização dos objetivos e o conteúdo produzido contribui para que esse folguedo tenha maior visibilidade entre os brasileiros e, principalmente, entre os alagoanos.

Palavras-chave: Bacamarteiros; História Oral; Inhapi.

ARMED FOR PLAY: BACAMARTEIROS IN THE INHAPI, ALAGOAS, NORDESTE DO BRASIL

Abstract

This article presents a analysis of the tradition of Bacamartism in the municipality of Inhapi, Alagoas hinterland, Nordeste do Brasil. In this sense, the research aims to know the origin of the tradition in the country, understand how this followed was introduced in the municipality, as well as record the memories and experiences still present in the memory of the players. For this, a bibliographical survey of what was produced on the subject was used and methodologically, field research was adopted, with a qualitative approach through Oral History. In this way, we were successful in achieving the objectives and the content produced contributes to this follower having greater visibility among Brazilians and, mainly, among people from Alagoas.

Keywords: Bacamarteiros; Oral History; Inhapi.

Introdução

Chegou São João
É tempo do baque
Do baque do bacamarte
Que o bacamarteiro tem
(Luiz Gonzaga e Janduhi Finizola, 1981).

Uma das maiores celebrações da cultura popular nordestina são as festas alusivas aos santos do ciclo junino - Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro (29). Neste período, além das missas, rezas e produção de comidas típicas, são realizadas inúmeras festas populares, a exemplo do Bumba-meu-boi, quadrilhas, forró e outros folguedos.

O Bacamartismo – termo utilizado pelo pesquisador Bonald Neto (2018) – é um folgado presente nos festejos juninos da região Nordeste do Brasil, que consiste em efetuar disparos de pólvora seca, de forma espetaculosa, utilizando um bacamarte. Em geral, essa manifestação cultural é expressa por um grupo de pessoas vestidas com calça e camisa fabricadas com um tecido rústico denominado de zuarte, lenço em volta do pescoço e chapéu de couro ou palha. O grupo é chefiado por um comandante que coordena as apresentações. De acordo com o Dicionário Aulete (2023), o zuarte é um tecido de algodão encorpado e tosco, algumas vezes mesclado, originalmente de cor azul ou preta.

Neste sentido, este artigo narra a trajetória do Bacamartismo no município de Inhapi/Alagoas – localizado no semiárido alagoano, a 270 km da capital, cuja formação, originada no século XIX, resulta da migração de membros do povo indígena Pankararu (PE). Essa localidade, inicialmente chamada Sítio Roçado, povoação pertencente ao município de Mata Grande, sendo emancipado em 22 de agosto de 1962. Os brincantes identificados como bacamarteiros conhecem esse folgado, as estratégias utilizadas na transmissão dessa tradição, além de portarem em suas memórias e vivências as práticas dessa brincadeira, celebração e/ou comemoração.

Como metodologia realizamos um levantamento bibliográfico através do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Repositório da Universidade Federal de Alagoas e do Google Acadêmico. Entre os livros utilizados estão o *Bacamarte, Pólvora e Povo* (2018) e *Inhapi, cidade da gente* (2020) produzido por professoras da rede pública municipal. Além das fontes bibliográficas, utilizamos a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa de caráter exploratório, realizada por meio da História Oral Temática.

Ao considerar que é por meio das manifestações culturais que preservamos as tradições e costumes de uma sociedade e por ser Brasil um país rico em acervo cultural, é de fundamental importância conhecer e analisar o legado dos bacamarteiros do município de Inhapi, Alagoas, Nordeste do Brasil.

O Bacamartismo no Brasil

A origem do bacamarte é uma questão incerta:

Apesar de ter se tornado muito popular entre os nordestinos, não se sabe exatamente se é uma arma originalmente brasileira ou como ela chegou até a nossa região. Alguns historiadores defendem que o bacamarte é originário do Clavinote holandês do séc. XVII ou na Granadeira do Sistema Miniée francês, de meados do séc XIX. As granadeiras ou riúnas que serviram na Guerra do Paraguai, em 1865, sofreram mutilações que as adaptaram ao uso dos bacamarteiros, e o tipo de munição também foi mudado. Para o uso na guerra ou na caça era usado chumbo, para as apresentações que acontecem atualmente é usada pólvora, que produz mais barulho e fumaça. (Silva, 2010b, p. 32-34).

O bacamarte é uma arma de fogo que é alimentada pela boca, apresentando opções de canos curtos ou longos, conhecidos no Nordeste como “bacamarte boca-de-sino, reiúna, reúna, riúna e granadeira” (BONALD NETO, 2018, p. 23). A variedade existente se dá pelo fato de ser uma arma de fabricação artesanal.

Figura 01: Tipos de bacamarte e seus componentes



Foto: Arquivo pessoal da autora

A respeito, Biserra (2022) revelou que guarda de recordação essas duas armas expostas na Figura 01 e, que removeu as partes nomeadas de ouvidos de ambas as armas, pois se a polícia as encontrasse, perceberiam que não têm mais utilidade. Sem os ouvidos, não representam risco de tiro acidental. A de cano fino é a riúna, que não tem diferença do tiro do bacamarte tradicional.

No município de Inhapi os bacamartes foram adquiridos de forma artesanal, a exemplo dos destacados na imagem acima. Biserra (2022), aponta ainda que os bacamarteiros compraram ou ganharam o cano de inox e a madeira. A armação ficava por conta do ferreiro e a coronha sob responsabilidade de um carpinteiro. “Inclusive meu pai chegou a ter 12 bacamarte. Só ele mesmo... e sempre toda casa tinha um... dois... que era do pessoal que atirava... cada família, né?!” (Biserra, 2022).

Segundo Silva, (2022), na cidade, muitos fabricavam armas artesanais, inclusive ferreiros que produziam espingardas para caça também faziam bacamartes, dentre estes o falecido Gonçalo Fuiço. Zé do Bar tinha uma coleção de bacamartes e emprestava aos que não tinham condições de comprar. Os bacamarteiros há anos fazem homenagens aos santos com tiros e danças, data de origem desconhecida. Essas festas do mês de

junho, onde São João não é o único santo, dividindo as celebrações com Santo Antônio e São Pedro, faz a alegria de todos os estados do país, cada um celebrando à sua maneira, entre fogueiras, balões, danças, brincadeiras, música e muita comida. A festa, segundo os estudiosos, é de origem pagã, um ritual em homenagem a fertilidade da terra. O fogo, de grande simbolismo nos cultos pagãos, foi “domesticado” e transformado em uma celebração da Igreja Católica. A festa transfigurou-se ao longo do tempo e ganhou formas diferentes em cada lugar tomando a forma que tem nos dias atuais, uma festa tipicamente interiorana. Os bacamarteiros do agreste integram os festejos, provando que a tradição sempre se reinventa. (Lima, 2013, p. 82).

Sobre a origem dos grupos, um dos estudiosos do assunto enfatiza que:

Existem diversas versões para explicar a origem dos grupos de Bacamarteiros, alguns pesquisadores mostram que a tradição surgiu após a Guerra do Paraguai no ano de 1865. Esta guerra foi o maior conflito armado ocorrido na América do Sul, travada entre o Paraguai e Brasil, Argentina e Uruguai que foi de 1864 a 1870, sendo o Paraguai derrotado pelos três países (Brasil, Argentina e Uruguai) o que pôs fim ao conflito. Outros também defendem que o uso do bacamarte, especificamente no estado de Pernambuco, deu-se para saudar os santos juninos e teve início com a invasão dos holandeses ao estado de Pernambuco no século XVII. Essa versão é relacionada ao inventário das armas deixadas pelos combatentes que faz referência a “bacamarte de metal de ferro”, estes que teriam chegado às mãos dos “matutos”. É comum o uso do bacamarte no Nordeste, há referências encontradas na nossa literatura, onde o escritor

Euclides da Cunha foi encontrá-lo em Canudos, dentro das rústicas taperas de pau-a-pique. (Soares, 2016, p. 04).

Há outras versões nas quais afirma-se que a tradição surgiu com o nascimento do pregador João Batista. “A fórmula da munição dos bacamartes, causadora do fogo que ilumina, festeja, anuncia o nascimento de São João Batista, é repassada de geração a geração.” (Lima, 2013, p. 84). Segundo a narrativa apresentada por Silva (2022):

O bacamarte, segundo o finado meu pai, os velhos contavam que vem do nascimento de João Batista, quando ele nasceu precisavam avisar os parentes que moravam distante que o filho tinha nascido. E naquela época não se tinha foguete. Foguete veio depois. Então o jeito de avisar os participantes que moravam vizinho era com três tiros, dois era homem e três era mulher. Aí tinha o bacamarte, quando a mulher paria, aí você dava dois tiros de bacamarte, sabia que era homem, três tiros sabiam que era mulher. Era um meio de comunicação entre os familiares de que o menino nasceu e o que era o sexo.

Em entrevista dada ao pesquisador George Lima, Bento Martins, do Batalhão nº 33, relatou que a origem do Bacamartismo advém da comemoração do nascimento de João Batista. A respeito, é importante salientar, por um lado, que não havia arma de fogo quando o profeta João Batista nasceu, isto é, no século I a.C., durante o período que o Império Romano dominava o Oriente Médio, e, por outro lado, que os grupos de bacamarteiros denominados de Batalhão mantêm características remetidas no campo da memória aos combatentes da Guerra do Paraguai, assim como a vestimenta e os títulos militares de capitão e comandante, que são patentes não oficiais. Em uma outra memória, José Benedito, do Batalhão nº 41, narrou que Santa Isabel revelou a Nossa Senhora, que quando a criança nascesse, faria uma fogueira no terreiro e soltaria um foguete e assim foi feito quando João Batista nasceu e é festejado até os dias de hoje.

Em uma entrevista concedida a jornalista Paula Bezerra da Silva, para produção de seu livro reportagem em 2009, o historiador Urbano Silva revela que os batalhões de bacamarteiros carregam três tradições:

A primeira é a do folclore do povo nordestino. A segunda é o armamento, que era utilizado pelos batalhões patrióticos e também pelos grupos advindos da Europa. Os europeus que colonizaram as Américas, os Estados Unidos e Canadá e os ingleses que também tinham grupos de bacamarteiros. E a terceira é o chapéu. Ele se parece com o que Napoleão Bonaparte usava, com as abas quebradas. Em tese, bacamarteiros são pessoas de origem rural, que buscam homenagear a valentia do homem nordestino e acabam fazendo a mistura tanto no figurino quanto na musicalidade. É a união de música, cultura, valentia e das características do homem nordestino que homenageia seus mitos e faz disso um lazer. (Silva, 2010b. p. 82).

Ainda de acordo com Urbano Silva, as pessoas costumam confundir os bacamarteiros com os cangaceiros, pelo fato das expressões culturais, que fazem referência ao cangaço ainda serem preservadas, mesmo após ter se passado 85 anos da morte de Lampião.

Nas falas analisadas, notamos um discurso recorrente entre os brincantes do folguedo, ou seja, relacionar os tiros de bacamarte, a fogueira e os fogos de artifício com o nascimento de João Batista, pois trata-se de uma festa coletiva onde a comunidade exhibe sua identidade cultural através de discursos, símbolos e práticas. Isso destaca o que é preservado na memória dos brincantes e é repassado de geração a geração, assim, a memória:

como geradora de conhecimento deve ser vista como uma usina capaz de propor relatos que sirvam menos para encantar ou anestesiarem lembranças caras e mais pelo impacto social. Não se despreza, porém, a alegria e pertinência de histórias que mereçam registros. Assim, as entrevistas devem conter registros de temas capazes de sugerir reflexões atentas ao interesse público amplo. As expressões estéticas das histórias não são desprezíveis. (Meihy e Holanda, 2007, p. 74).

De acordo com Pollak (1992) a memória é composta por três critérios: os acontecimentos vividos pessoalmente ou em grupo, locais e personagens encontrados ao longo da vida. Esses elementos podem se basear em fatos concretos ou da projeção de outros eventos que se entrelaçam. Além disso, a questão dos vestígios datados é complexa, pois a memória é seletiva e não retém todos os eventos. Ela é um fenômeno construído; no caso da memória individual, pode ser gravada, reunida, excluída e recordada consciente ou inconscientemente.

A trajetória dos bacamarteiros de Inhapi, Sertão de Alagoas

Para entender como essa manifestação cultural chegou até o município de Inhapi, recorreremos à história oral, pois não há fonte escrita que comprove a origem da tradição e nem tampouco registro dessa representatividade como prática cultural da cidade. Foram entrevistadas quatro pessoas que participaram do início do grupo e dois descendentes do fundador.

O primeiro entrevistado foi José Lopes Biserra, conhecido como Zé do Bar, 87 anos, comerciante aposentado. Apesar da sua ancianidade e problemas auditivos, ainda lembrou de fatos significativos. O segundo foi Genivaldo Vieira da Silva, de cognome Geno, 68 anos, agricultor que participou do grupo durante a década de 1980. O terceiro entrevistado é Zenário Lopes Alves, 72 anos, agricultor, irmão de José Lopes e residente no Sítio Roçado. A quarta

entrevistada é Antonia Lins Alves, 72 anos, agricultora aposentada e esposa de Zenário. O quinto e sexto entrevistados trata-se dos filhos de José Biserra: Valério de Souza Biserra, 55 anos, funcionário público e América Beserra dos Santos Pereira, 56 anos, doméstica e residente em Piranhas – AL.

No que diz respeito a quem fundou o grupo de bacamarteiros de Inhapi, cinco dos entrevistados afirmaram que a tradição começou com José Biserra. Este último relatou que iniciou a brincadeira em colaboração com um senhor conhecido como Zé Vieira e que atirou por mais de 50 anos. Ele também revela que iniciou a prática do Bacamartismo quando ainda era solteiro. Celebrava o São João e São Pedro dando tiros em homenagem aos santos com amigos e familiares. A tradição era passar pela casa dos bacamarteiros, parar atirar, comer e beber, mas os preparativos começavam a partir da fabricação da pólvora que se dava meses antes do São João.

Pereira (2022) enfatiza que seu pai e Zé Vieira iniciaram a tradição de reunir amigos para atirar com bacamarte em volta da fogueira, tanto na casa dele como também na dos amigos. Quando o mês de junho se aproximava, seu pai começava a se preparar. Nos dias de feira livre os bacamarteiros do sítio apareciam no Bar e decidiam em qual casa realizariam os disparos naquele ano.

Biserra (2022), filho caçula de Zé do Bar, revela que iniciou sua participação no grupo em 1985, aos 18 anos de idade, e que seu pai realizou a tradição junto com amigos que moravam nos sítios.

quando eu me entendi de gente ele já atirava. Ele tinha os amigos dele que morava nos sítios. Ai ao redor da cidade, né?! E... eles começaram indo de casa em casa. Chegava na casa de um ia comer uma galinha, chupar uma laranja, comer umas frutas e atirar. Ai dali partia pra casa de outro, em outro sítio... e assim foram se formando e chegou uma época que tinha mais de quarenta bacamarteiros. [...] Ele e minha mãe atirava e... as famílias mais conhecida de Inhapi que era os Sutero, os Criança, seu Manuel Raimundo, seu Zé Machado, as famílias mais velhas, mas antigas já brincava... os Bimbarra... eles... família tudo grande... família de dez... doze pessoas (Biserra, 2022).

De acordo com Silva (2022) sua participação no grupo deu-se por volta da década de 1980, sendo que seu falecido pai já brincava.

O grupo de bacamarteiros surgiu com a figura de Zé do Bar. Foi ele... era... quando eu me alcancei de gente o finado meu pai já brincava. E já brincava acompanhado de Zé do Bar. Ele é o fundador do grupo de bacamarteiros do Inhapi. Quem veio... todos

eles seguiram a liderança dele. [...] Chamavam o grupo de Zé do Bar. Esse foi sempre o nome. Não tinha um nome folclórico, não tinha um nome fictício. O nome se tornava em cima da... em torno da liderança de Zé do Bar (Silva, 2022).

Alves (2022) declarou que conheceu a brincadeira através de seu irmão, “Zé do Bar dava conta de nós tudo. Era o mandante.” Segundo o entrevistado, Zé do Bar, dava ordens para não entregar o bacamarte para pessoas que estivessem embriagadas ou que nunca tivessem atirado, para evitar acidentes, já que o grupo era grande.

Já Alves (2022) revelou que sua participação no grupo era de receber os bacamarteiros e oferecer bastante comida, mas que quando seu esposo deixava um bacamarte à vista, mesmo grávida saía de casa e atirava, porém, nunca gostou de acompanhar o grupo. Na ocasião era a única mulher que atirava e havia muitas crianças que acompanhavam os bacamarteiros.

Tinha muitas... juntava muitas... andava aquele grupo de criança atrás da beleza, né? Porque isso é uma beleza... toda casa que chegava tinha comida... toda casa que chegava tinha bebida... quer dizer, toda casa não. A verdade é essa... tinha fartura só aqui, as outras casas era uma galinha dentro de uma bacia com farinha e cada cá pegava um pedaço [...] (Alves, 2022).

Como é descrito nas falas acima, o folguedo foi introduzido na cidade através de José Lopes Biserra, mas não se sabe de que forma ele conheceu o folguedo, pois seu envelhecimento tem ocasionado perda de memória.

Alguns dos senhores citados nas entrevistas, que participaram do folguedo nos primeiros anos, já não mais vivem, como é o caso de Zé Vieira e João Suterio. Sobre a presença de indígenas no grupo, Alves (2022) e Biserra (2022) negaram que houvesse bacamarteiros pertencentes ao povo Koiupanká. Contudo, Silva (2022) esclareceu que antes do reconhecimento da aldeia, “tinha um indígena que participava, era João Suterio, que é pai do cacique hoje, [...] da turma que toca a aldeia” (Silva, 2022) .

Alves (2022), declarou que reside no sítio Roçado e anteriormente morou no sítio Baixa do Galo, local que por diversos anos festejou o São João com o grupo de bacamarteiros. Afirmou ainda que ambos os lugares são sítios que não pertencem a aldeia indígena.

Ainda no enlace da trajetória dos bacamarteiros de Inhapi, o grupo não tinha nenhuma das formalidades existentes nos batalhões de bacamarteiros de outras localidades, era necessário apenas que possuíssem a arma e que soubessem manejar. Segundo Silva (2022), a condição para participar do grupo era que a pessoa não fosse violenta; o bacamarte era principalmente

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 33, jul. - dez. 2023
ISSN: 1982 -193X

usado para essa diversão. Não era para ser usado de maneira imprópria, considerando que o bacamarte já foi empregado em conflitos armados. Portanto, a utilização do bacamarte estava restrita a pessoas que não tivessem histórico de violência, e a participação era reservada aos amigos próximos de todos no grupo.

Nos arquivos pessoais de Adeildo Ferreira de Souza, genro de José Biserra, consta uma fita VHS com a descrição “Lembrança do São Pedro 1999”. Devido ao mau estado de conservação, as poucas imagens que aparecem mostram que naquele ano o grupo esteve em Santa Brígida na Bahia. Biserra (2022), confirmou que o grupo esteve nessa localidade algumas vezes. Ao ser perguntado sobre esse dia, Biserra (2022) disse que:

Nós fumo num dia, fumo atirar. Pedro de Suter também atirava. Ai fumo num dia brincar em Santa Brígida. [...] Naquele tempo Pedro Suter morava lá, já morou lá. Ai tinha umas amizade ai tratou de ir, ai nós fumo. Ai foi bem uns dez. Também só brinquemo uma vez só lá em Santa Brígida (Biserra, J., 2022).

Em um arquivo de DVD, encontramos imagens do São João de 2009, que revela a presença do grupo na cidade de Delmiro Gouveia – AL.

Figura 02: Bacamarteiros de Inhapi na cidade de Delmiro Gouveia - AL



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

A respeito do São João de 2009, apenas Pereira (2022), confirmou a aparição do grupo em Delmiro Gouveia – AL, na casa de sua irmã. A pessoa em questão seria Maria de Souza Biserra, falecida em 2021.

A respeito da dança e música, os entrevistados Alves, A., (2022), Alves, Z., (2022), Biserra, J., (2022) e Silva (2022) negaram haver a existência dessas expressividades entre os brincantes, apenas Pereira (2022) recordou que os bacamarteiros dançavam, improvisavam músicas sobre o dono da casa e a riúna, além de utilizarem instrumentos como maracá e gaita.

Entre os arquivos pessoais de Adeildo Ferreira foram encontradas imagens que confirmam essa versão. Assim como vídeos em que consta José Biserra cantando, dançando e rodeando uma fogueira com outros bacamarteiros.

Figura 03: São Pedro de 2009



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza, 2007.

A forma como os bacamarteiros de Inhapi deflagrava os tiros não difere da maneira que Bonald Neto (2018) narra em seu livro, “cada qual toma a posição mais extravagante: ora a longa granadeira quase roça o chão, os braços estirados sob as pernas; poderosas riúnas são erguidas acima da cabeça ou atrás da nuca junto ao ouvido” (Bonald Neto, 2018, p. 54)

Nas imagens a seguir é possível perceber tais posições:

Figura 04: Tiro sendo deflagrado com o corpo inclinado para frente



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

Figura 05: Tiro a ser deflagrado com a espingarda erguida na altura da cabeça



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

Alves (2022) expôs que o grupo tinha uma brincadeira peculiar denominada de “o murro do bacamarte”, que consistia em juntar os integrantes e atirar simultaneamente.

Figura 06: O murro do bacamarte

Foto: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

Enquanto Alves (2022) e Pereira (2022) recordaram a brincadeira de “tomar” a fogueira do outro. A brincadeira consistia em ter que ficar atento e não se descuidar da pira, pois o grupo poderia aparecer de repente e atirar dentro da fogueira. Todos os anos um bacamarteiro desafiava o outro, como lembrou Alves (2022):

Ai num dia nos fumo... [...] Zé do Bar dizia: "Titô inda um dia eu vou tomar sua fogueira". "vai nada Zé... Cê vai nada! Cê tem coragem nada"... "Vou!... vou! "... Aí... um dia Zé do Bar rumou uma imbulância, ai dixeu ramo pra casa de Titô. Ai inchemo a imbulancia de gente e fumo pra lá... e foi meia noite... chegamo lá... [...] aí disse oxen essa imbulancia? pra que essa imbulancia veio vê aqui? eu num tô doente, o que foi?... ai quando nós decemo tudo... disse oia... ai disparemo bacamarte tudo na fogueira dele... bei... bei... bei... "Eita Zé do Bar... cê disse que vinha e vei mermo Zé do Bar... disse: oia Zé do Bar, não tenha nada aqui... eu num tenho nada aqui. A mulé me deixou. Eu não tenho nada aqui... o que tem aqui sé laranja". Aí foi lá, pegou o balaio de laranja e veio pá nós chupa, nós chupemo... truvemo... ai foi uma coisa boa. (Alves, 2022).

Os bacamarteiros de Inhapi já se apresentaram em praça pública durante os mandatos de dois prefeitos, conforme informou Biserra (2022):

quando era época de... de... que tinha festa na Prefeitura... quadrilha... essas coisas, que faziam festa junina, eles pediam pra eles se apresentarem. Ai isso foi no governo de Oberdan Tenório Brandão e no governo de Renato Alves Costa. Aí eles se apresentavam no centro da cidade, dando tiro... mostrando como era... tudo. [...] o governo do... [...] Oberdan Tenório Brandão começou em 97, aí teve dois mandatos

que terminou em 2004. Aí quando foi em 2005 a 2008 foi o governo de Renato Alves Costa que também pedia pra eles se apresentarem (Biserra, 2022).

Entre os descendentes de José Biserra, além de América Pereira e Valério Biserra, apenas alguns dos netos participaram das festividades juninas. Pereira (2022) esclarece que apenas seu filho Samuel conheceu a tradição, pois suas duas filhas nunca comemoraram o São João com o avô, pois após ter se convertido a uma religião evangélica, não mais comemorou as festividades juninas.

Biserra, V., manifestou que seu filho Antony participou e além de seu sobrinho Samuel, também esteve presente Luciano, filho de sua falecida irmã, Maria Biserra. “Inclusive tem foto deles três com o avô, nós quatro, né?! Pai, o filho e dois neto” (Biserra, 2022)

Figura 07: Antony Araújo, José Biserra, Valério Biserra e Luciano Ferreira



FOTO: Arquivo pessoal de Valério Biserra

A fabricação da pólvora

A pólvora geralmente é feita pelo próprio atirador. “A fórmula é simples e eficiente: 1kg de salitre do Chile; 200 g de enxofre em pedra; 200 g de carvão vegetal moído e pisado no pilão doméstico junto com uma garrafa de cachaça, para dar a liga.” (Bonald Neto, 2018, p. 42)

Biserra (2022) utilizava os materiais supracitados, mas substituía a cachaça pelo álcool doméstico, conforme narrou Alves (2022). O salitre, o enxofre e o carvão eram trazidos de Caruaru – PE e faziam da seguinte forma:

A pólvora a gente pisava o carvão, ai peneirava o carvão... e Zé lá cozinhando a água, ai pisava a pólvora... pisava o carvão, ai misturava com arco e enxofre e água e pisava no pilão. Quando tava no ponto mermo, ai ele mesmo sabia qual era o ponto... Zé mermo sabia o ponto. Ai vinha... tirava aquela pilãozada e ele butava nus papelão... botava pra lá... e vinha outra de novo... pisava... 15... 20 pilãozada de porva. Depois quando pisava ele botava pra lá e depois secava... botava em riba dos salão e secava a porva. Ai dava cada um o seu. A gente gardava... ele mermo encartuchava. E pronto... ai ali tava pronto e quando era no dia que a gente ia brincar (Alves, 2022).

Pereira (2022) relembrou que seu pai combinava a data de fazer a pólvora meses antes do São João junto com Zenário e João Suterro. A entrevistada ainda detalhou que o carvão era reduzido a pó em um pilão e posteriormente era peneirado em uma vasilha à parte. Em outra panela maior misturava-se os demais ingredientes e levava ao fogo. Em seguida, colocava para secar ao sol sobre papelões e jornais. Quando a pólvora atingia o ponto de secagem, começavam a fazer os cartuchos com a medida certa da pólvora, que era um papelzinho enrolado com ajuda de uma vareta e por fim eram guardados em um bernal.

Silva (2022) salienta que a brincadeira do folguedo se iniciava no preparatório da pólvora:

A brincadeira se iniciava meses antes. O preparatório... era preparar o principal... o principal produto que era a pólvora. O bacamarte era apenas a pólvora e papel. Então se participava no feitiço da pólvora que era sempre cada um daqueles grupo iria naquele dia, um dia por semana fazer a sua pólvora. E Zé do Bar era o mestre que sabia todas as técnicas de preparar a pólvora (Silva, 2022).

Biserra (2022) revelou que o grupo chegou a receber patrocínio da Prefeitura Municipal de Inhapi para comprar os materiais para fabricar a pólvora.

o prefeito Oberdan Tenório Brandão, conhecido como Bel, ele sempre patrocinava [...] e dava também o dinheiro pra comprar a pólvora. Comprava o salito, o enxofre que era pra fazer a pólvora. Isso eles compravam em Caruaru... o material pra eles mesmo fazer a pólvora. Com o passar do tempo... já... já no final eles já tavam comprando a pólvora feita, mas muito antes eles compravam as coisas e eles eram quem faziam a pólvora (Biserra, 2022).

De acordo com Lima (2013) o salitre não mais é encontrado no comércio de Caruaru e é fornecido apenas pelo Exército:

O Salitre do Chile (oxinitrato de sódio) é fornecido pelo Exército. Antigamente os bacamarteiros podiam adquirir o produto no comércio da cidade, hoje é proibida a sua venda e o capitão do grupo é responsável pela quantidade de pólvora que entrega aos integrantes, geralmente a quantia entregue é suficiente para cada apresentação. O carvão utilizado é o carvão vegetal, de madeira fofa, pode ser utilizado o de maniva ou macaxeira, avelóz e umburana. Esta pólvora doméstica produz muito barulho e uma nuvem de fumaça que envolve os atiradores na hora dos disparos (Lima, 2013, p. 85).

Pernambuco é um dos estados que preserva essa manifestação cultural por mais de um século. A tradição está presente nas festividades juninas da cidade de Caruaru, “devendo existir o costume há cerca de cem anos, conforme indica a tradição daquela cidade agrestina.” (Bonald Neto, 2018, p. 33).

Vestimenta

Os Batalhões de Bacamarteiros espalhados pelo Nordeste, em regra, vestem-se a caráter, utilizam “calça e camisa de zuarte, lenço vermelho no pescoço, chapéu de palha ou couro adornado com uma rosa vermelha, alpercatas ou tênis, bisaco com munição e seu bacamarte.” (Lima, 2013, p. 13). Já os Bacamarteiros de Inhapi não faziam uso de tais trajes, mas sim de roupas comuns, pois cada um vestia-se como desejava, conforme destaca a imagem abaixo:

Figura 08: À esquerda, José Lopes Biserra, vulgo Zé do Bar, defronte a sua residência acompanhado dos amigos bacamarteiros em 1987.



Fonte: Arquivo pessoal de José Lopes Biserra

Silva (2022) afirmou que não tinha vestimenta a caráter e que cada um se vestia como queria. Já Pereira (2022) revelou que geralmente os integrantes do grupo se vestiam de calça jeans, camisa de manga comprida, sapato e um bernal tiracolo, pois assim ficavam protegidos para andar na zona rural. Alves (2022) recorda que havia uma espécie de cantil de madeira com bebida alcoólica que também era carregado a tira colo: “era até de pau... de madeira. Todo pintadinho de vermelho, desenhado... desenhadinho e pintadinho de vermelho, [...] era Zé do Bar que era o carregador..., mas só bebia quem ele quisesse, quem ele desse” (Alves, 2022).

Cabe ressaltar que José Biserra tinha uma grande satisfação em ornamentar a frente da casa e a fogueira com palhas de coco, como também colocar bandeirinhas coloridas na rua. “Deixava bem bonito a cidade, chamava muito atenção mesmo” (Biserra, 2022).

Após a década de 1990, os integrantes do grupo tiveram uma camisa estilo polo patrocinada pela prefeitura municipal, “o prefeito Oberdan Tenório Brandão, conhecido como Bel, ele sempre patrocinava... dava as camisas... eee... mandava fazer as camisas pra dá o pessoal, pra todo mundo se vestir bonitinho... com o nome os bacamarteiro de Inhapi” (Biserra, 2022).

Figura 09: Fardas do São João e São Pedro dos anos de 2009 e 2012



Foto: Arquivo pessoal de Valério de Souza Biserra

Participação das mulheres

O folguedo é um “esporte” essencialmente masculino. No entanto, a presença feminina é cada vez maior em atividades antes exclusivamente masculinas; com os bacamarteiros não é diferente. Mesmo em número bem inferior aos homens, elas participam do folguedo. [...] A inserção das mulheres no folguedo deu-se basicamente à medida que seus pais, irmãos ou maridos bacamarteiros iam morrendo e não havia homens na família para manter a tradição. Hoje, para além de atender a essa “necessidade” de continuar a participação da família no batalhão, elas também ingressam por prazer, e muitas acompanham seus maridos, irmãos e filhos (Lima, 2013, p. 51).

No grupo de bacamarteiros de Inhapi eram poucas as mulheres que participavam, como já destacou Alves (2022) que atirava apenas em casa. Já Pereira (2022) expõe que acompanhou o grupo apenas uma vez, mas atirava na rua em que morava e parou depois que fez uma cirurgia no ouvido. A primeira vez que deu um tiro com um bacamarte foi aos quatorze anos de idade. Recorda que quando acompanhou o grupo, seu genitor transportava os bacamartes pendurados, “meu pai botou uma dum lado e outra de outro... parecendo Lampião” (Pereira, 2022).

Ainda segundo Pereira (2022), o bacamarte que usava era recarregado por seu pai ou por algum amigo dele e no dia que esteve acompanhando o grupo quase ocorreu um acidente. Relembra que um homem, aparentemente embriagado, colocou dois cartuchos em seu bacamarte e essa quantidade é inadequada para uma adolescente. Sobre esse episódio, Biserra (2022) disse que:

Quando ela... era moça, num era casada não. Ai largou de andar porque [...] a espingarda dela... nós foi na casa de Zé de Pedo Luiz, ai ela carregou a espingarda e entremo pra dentro pra tomaa... pra comer um tiragostozinho a espingarda ficou pra cá, ai os caba pegaram butaram outro cartucho dentro. Ai eu fiquei com medo... antes dela pegar a espingarda pra entrar, peguei a espingarda, quando eu vi butei outro car... butei a vaqueta... ooooh... se ela fosse... se ela tivesse dado o tiro... tanto lascava a espingarda, como ela ia fazer uma arte. Ai a derradeira vez... deixei eles lá e vim embora mais ela (Biserra, 2022).

Nos arquivos pessoais de Adeildo Ferreira, constam imagens de mulheres atirando na rua e no sítio. Nos vídeos que retratam o São João de 2007, há um bacamarteiro ensinando a uma jovem a manusear o bacamarte, aparentemente era a filha dele. A moça não teve muita desenvoltura para segurar a arma e logo que deu o disparo, derrubou a espingarda. Esse lance da arma, que voa da mão do dono após o disparo, é conhecido como “o coice do bacamarte” (Bonald Neto, 2018, p. 35)

Alves (2022) revelou que gostava da tradição, tinha prazer em cozinhar, mas depois passou a se aborrecer, pois não tinha reconhecimento. Ela apreciava muito essa tradição e brincadeira.

Seu marido não participava, pois preferia economizar o dinheiro do trabalho da semana para gastar em uma única festa. No entanto, o aumento constante do número de participantes incomodava. Inicialmente, chegavam 20 pessoas, depois 30, 40, 50 e até mesmo pessoas de lugares distantes, como Zé Machado, Edivaldo e moradores da Baixa do Galo, vinham para a celebração. O terreiro logo ficava lotado. Ela se preocupava com a quantidade de comida necessária para alimentar os presentes, cozinhava muito bolo e pamonha, pois esses eram os alimentos tradicionais para o São João, além do mungunzá.

Quando servia a comida, as pessoas não faziam grandes discursos ou expressavam gratidão, apenas diziam "viva São João, viva São Pedro". Ela mesma costumava dizer "viva a dona da casa que cuidou da comida para vocês comerem", pois ninguém costumava agradecer. Após a festa, suas filhas iam embora para suas casas, algumas delas já estavam casadas. Ela ficava até meia-noite lavando a louça e arrumando tudo para o próximo dia. Quando saíam, tinha que cuidar da comida novamente, lavar os panos sujos e estar pronta para receber os convidados quando eles retornassem.

Fim do grupo de bacamarteiros de Inhapi

José Biserra relatou que encerrou sua participação nas festividades de São João com bacamarte após um acidente doméstico, quando caiu de uma escada e enfrentou dificuldades de locomoção. O último ano em que o grupo se reuniu para atirar na zona rural foi em 2012, conforme afirmou Biserra (2022). Quando perguntado sobre o motivo de seu pai ter parado a brincadeira, respondeu o seguinte:

Porque ele foi ficando velho, foi se desgostando e as pessoas foram mudando, uns morrendo e esses pessoal mais novo que ficaram não tinham o respeito ou o mesmo controle que eles tinham. Que quando eles estavam brincando não se embriagavam tudo e esse pessoal mais novo já era diferente. Aí veio o falecimento do... da minha mãe, da esposa dele. Aí depois disso ele parou de vez (Biserra, 2022).

Alves (2022) revelou que deixou de andar com o grupo logo após o acidente que causou queimaduras em seu filho, mas que ainda atira em casa nas festividades juninas. “Esse ano mesmo eu atirei... São João... São Pedro, mas pouquinho, sabe? Porque a brincadeira... a brincadeira só é bom muita gente, mas acabou-se o pessoal, uns deixaram de atirar... tudo.” (Alves, 2022).

Apesar do grupo ter se desfeito, ainda é possível sentir o prazer dos integrantes ao relatarem suas experiências, como é o caso de Silva (2022), ao ser indagado sobre o que é ser um bacamarteiro:

Ser um bacamarteiro significava uma família. Uma família de amigos. Que a amizade não se durava só naquela época, mas a amizade durava o ano todo. E sempre aonde se estava reunido, se tratava... sempre aparecia as brincadeiras, o assunto em torno do bacamarte (Silva, 2022).

Já Biserra (2022) respondeu que ser um bacamarteiro é gostar da tradição, mas a Lei do desarmamento acabou dificultando a continuidade:

É ser um bacamarteiro ééé... gostar né?! Gostar eee... eu mesmo gostava muito, ainda gosto... é porque veio esse desarmamento veio tudo hoje a gente num pode nem dizer que tem um bacamarte, mas era muito bom, muito bom mesmo. Todo mundo gostava, chamava muita atenção, quando chegava na cidade o povo vinha só pra vê. Ai foi acabando mais porque com o tempo ééé... esse desarmamento era um maior sacrifício pra polícia poder liberar... pra poder a pessoa atirar. Ai hoje quem tem um bacamarte é escondido pra guardar de lembrança que num... que num pode nem se apresentar porque é ariscado ir preso (Biserra, 2022).

Nos registros literários e acadêmicos que abordam a história do município de Inhapi, não se encontra menção à tradição bacamartista. Portanto, surge uma relevante necessidade de reconhecer esse folgado como parte do patrimônio cultural do município. Nas suas considerações finais, Pereira (2022) expressou o desejo de estabelecer uma data comemorativa para celebrar o Dia do Bacamarteiro em Inhapi. Assim como também Biserra (2022) demonstrou:

Eu gostaria que voltasse... que fosse legalizado... que a Prefeitura tivesse uma Lei e uma data específica pra eles se apresentarem... no São João ou numa festa de padroeira mermo... qualquer coisa. Porque muito deles ainda tem esses bacamarte guardado, mas num tem como se apresentar, como eu disse, por causa dessa Lei do Desarmamento. Ai ninguém vai querer se prejudicar, mas se... se isso acontecesse muita gente ainda vinha... atirar... e hoje mais fácil porque hoje a pólvora você já compra pronta em Caruaru. Se quiser comprar sua pólvora só é encomendar... vem... já tem seu bacamarte isso é coisa fácil (Biserra, 2022).

Considerações finais

O Bacamartismo é uma tradição nordestina que celebra os santos juninos. Em Inhapi, essa prática é informal, sem comandos ou trajés específicos.

Embora não haja registros históricos, a pesquisa revelou que o folguedo foi introduzido na cidade por um morador urbano, mas principalmente praticado por residentes rurais.

O estudo enfatiza a necessidade de reconhecimento oficial dessa tradição cultural pelo município, permitindo que as pessoas celebrem sem receio de sanções legais.

Além disso, recomenda-se estudos sobre folguedos entre o povo Koiupanka e conscientização sobre as áreas do Sítio do Roçado, Baixa do Galo e Baixa Fresca, bem como, nas aldeias indígenas.

Referências

ARAÚJO, Adriano Alves de. **Quando portar uma arma é crime no Brasil?** Brasil, 14 mar. 2019.

BONALD NETO, Olímpio. **Bacamarte, pólvora e povo**. 4. Ed. Recife: Cepe, 2018.

LIMA, George Michael Alves de. **Os bacamarteiros de Caruaru**. Recife, 2013. 126 f. Dissertação (mestrado) - UFPE, CFCH/PPGA, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Allyne Jaciara Alves Rios. **O Direito à Educação Escolar Indígena e a Saga do Povo Koiupanká: a resistência de uma escola “que não existe”**. In: Anais do VIII CONINTER. Anais. Maceió (AL) Unit/AL, 2019.

OLIVEIRA, Allyne Jaciara Alves Rios; MELO, Amanda Monteiro; VILLAR, Elis Lidiane do Nascimento; MELO, Lucicleia Costa de. **Inhapi: Cidade da gente: estudos regionais fundamental**. 1. ed. Fortaleza/CE: Didáticos Editora, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Paula Bezerra da. **Bacamarteiros: Um tiro de guerra que se fez arte**. Livro Reportagem. 1ª. ed. Brasil, 2010.

SOARES, Adeilson. **Os Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, Batalhão 51**: (22) p. il. 2016. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – IHAC/UFBA, Salvador, 2016.

VASCONCELOS, Cleidson José Rocha. **Armas de Fogo & Autoproteção**: Técnicas, táticas e procedimentos. Porto Alegre: Alcance, 2015. 216 p. ISBN 978-85-67248-31-8.

Fontes orais

ALVES, Antônia Lins. Entrevistada por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022a. *In.*

Biblioteca da UFAL/Campus do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

ALVES, Zenário Lopes. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022b. *In.*

Biblioteca UFAL/Campus do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

BISERRA, José Lopes. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 27/08/2022a. *In.*

Biblioteca da UFAL/Campus do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

BISERRA, Valério de Souza. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022b. *In.*

Biblioteca da UFAL/Campus do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

PEREIRA, América Beserra dos Santos. Entrevistada por Vanessa Biserra Pereira em 09/10/2022. *In.* **Biblioteca da UFAL/Campus do Sertão**. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Genivaldo Vieira da. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 27/08/2022. *In.*

Biblioteca da UFAL/Campus do Sertão. Delmiro Gouveia – Alagoas.

Recebido em 2023-10- 15

Aprovado em 2023-12-07

Publicado em 2023- 12 - 30